

O FEMINISMO CHEGA À RÁDIO:

a Militância Sufragista de Martha de Hollanda na Rádio Clube de Pernambuco (1931-1932)

GILVÂNIA CÂNDIDA DA SILVA*
ALCILEIDE CABRAL DO NASCIMENTO**

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que modo a Cruzada Feminista Brasileira, liderada por Martha de Hollanda, usou a Rádio Clube de Pernambuco como estratégia de luta pelo direito ao voto no Recife, entre os anos de 1931 a 1932. As fontes de pesquisa são os jornais da época, onde procuramos analisar os discursos e as estratégias das feministas pernambucanas que utilizaram a Rádio Clube de Pernambuco para divulgação de suas pautas e ações no momento em que os receptores radiofônicos eram artigos de luxo, um dos símbolos da modernidade, ainda restrito às camadas ricas. Frente a isso, se o discurso feminista já tinha significativo alcance por meio das mídias impressas, agora a estratégia era alcançar, convencer e cooptar mulheres das classes abastadas para o movimento em prol da conquista da cidadania política e da igualdade entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Movimentos Feministas; Rádio Clube de Pernambuco; Relações de Gênero.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the Cruzada Feminista Brasileira, led by Martha de Hollanda, has used Rádio Clube de Pernambuco as strategy of fight for the right to vote in Recife, between the years 1931 to 1932. The research sources are newspaper of the time, where we seek to analyze the speeches and the strategies of the Pernambuco's feminists that have used Rádio Clube de Pernambuco to spread your guidelines and actions, in the moment that the radiophonic receptors were luxury items, one of the symbols of the Modernity, still restricted to the rich layers. Front of it, if the feminist speech already had significant reach through the print media, now, the strategy was reach, convince and coopt women from the wealth layers to the movement in favor of the conquest of political citizenship and equality between men and women.

Keywords: Feminists Movements; Rádio Clube de Pernambuco; Gender Relations.

* Licencianda em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Email: gil.nd93@gmail.com

** Professora Associada II, Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Email: alcileide.cabral@gmail.com

Feminismo Via Rádio: Uma Celeuma Política, o Movimento Sufragista e a Decisiva Década de 1930

À procura de uma definição clara sobre o que é *feminismo*, nos deparamos com uma primeira resolução, a qual diz que “[...] em sentido muito amplo, ‘feminismo’, ‘feministas’ designam aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos”¹. A princípio, segundo essa premissa, seríamos bastante claras e eficientes quanto à missão de definir, pelo menos genericamente, o que é *feminismo*. Contudo,

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias.²

Assim, aquilo que chamamos de *Movimento Sufragista* não pode ser encarado a partir dos mesmos princípios que regiam os feminismos das décadas de 1970, 1980 ou 2000. Tal aspecto é claro se levarmos em conta o fato de que, à época, a classe social, a raça/etnia e a discussão sobre os direitos reprodutivos são dados que concedem ao feminismo múltiplos modos de expressão. Nessa direção, no Brasil, o século XIX cerra as cortinas deixando para a posteridade uma rica pauta de reivindicações dos movimentos operários. Entre os pedidos, estavam não apenas aqueles ligados à conquista de melhores condições de trabalho, mas também à possibilidade de acesso aos direitos de cidadania — sobretudo, pelo fim do critério censitário para os processos eleitorais³.

O século XX, por sua vez, entra em cena trazendo consigo muitas conquistas quanto a essas demandas. Mas, no caso dos direitos civis, as mulheres foram alijadas das conquistas referentes ao sufrágio. Em consequência disso, algumas historiadoras afirmam que o fato de terem sido retiradas do cenário político impulsionou muitas mulheres a repensar as estratégias individuais e coletivas de luta⁴. Nesse sentido, “[...] se o Movimento Sufragista não se confunde com”, diríamos nós, os outros feminismos, “[...] ele foi, no entanto, um movimento feminista, por denunciar a exclusão da mulher da possibilidade de participação nas decisões públicas”⁵ e por questionar, direta e indiretamente, as relações entre homens e mulheres⁶.

O debate sobre o acesso feminino aos cargos políticos e ao voto pode, em certo sentido, ter seu início datado, pois é no processo de construção da Constituição Republicana de 1891 que o tema vem à tona. Na época, nomes como Nilo Peçanha, Eptácio Pessoa e Hermes da Fonseca foram responsáveis por lançar esse tema em debate. Mesmo assim, o documento nem sequer cita as mulheres, seja entre aqueles que estão aptos a votar, seja entre os que não estão habilitados ao sufrágio⁷. Dessa forma, se, durante o século XIX, a luta pelo voto feminino era feita individualmente, na Primeira República, como assinala Alcileide Cabral, as mulheres se articulam em organizações feministas⁸.

1 PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. Bauru/SP: Edusc, 2005, p.154.

2 ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.7.

3 *Ibid.*, p.42.

4 *Ibid.*, p.47.

5 *Ibid.*, p.48.

6 NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. O bonde do desejo: o Movimento Feminista no Recife e o debate em torno do sexismo (1927-1931). *Revista Estudos Feministas* [online], v. 21, n. 1, p. 41-57, 2013a

7 PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, p.16.

8 NASCIMENTO, *op. cit.*, p.1.

Nesse sentido, o primeiro grupo feminista brasileiro com uma identidade comum e uma pauta de reivindicações em prol da emancipação feminina foi o Partido Republicano Feminino, criado em 1910, por Leolinda Daltró⁹ e Gilka Machado, que dá forma e conteúdo a uma cultura política feminista. Tal organização se propunha a representar os interesses das mulheres na esfera política, não apenas falando em acesso ao voto, mas também em direito à educação e acesso ao emprego formal. Apesar dos esforços, o Partido Republicano Feminino não sobrevive por muito tempo, encerrando suas ações por volta de 1919¹⁰.

Acerca de suas fundadoras, o Partido Republicano Feminino é representativo e aglutinador das trajetórias de vida de muitas mulheres vistas, à época, como subversivas. Leolinda Daltró foi uma entre essas mulheres ousadas e corajosas de seu tempo: professora, indianista e ativista feminista. Sua atuação política começa de modo singular a partir de 1895, quando se une à militância em favor da defesa dos indígenas, contra seu extermínio e o autoritarismo da catequese. Em 1909, tenta, mas não consegue, se alistar como candidata para as eleições e, no ano seguinte, como resposta, cria com Gilka Machado seu próprio partido¹¹.

Gilka, por sua vez, foi uma audaciosa poetisa que chocou a sociedade carioca com suas poesias de cunho erótico, como assinala Nádia Gotlib¹². Juntas, Gilka e Leolinda, foram capazes de movimentar a imprensa carioca e lançar para o assunto do dia a questão do voto feminino. Em novembro de 1917, as duas organizaram uma marcha que reuniu 90 mulheres que caminharam pelo centro de São Paulo chamando a atenção da população para suas reivindicações e, mais uma vez, tornando-as objeto de matérias publicadas nos jornais¹³.

Mesmo não havendo ligação entre um evento e outro, no mesmo período em que o partido de Leolinda é extinto, Bertha Lutz retorna de Paris e inicia a organização da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF)¹⁴. Antes de existir com essa alcunha, a FBPF surgiu com nome de Liga pela Emancipação Intelectual Feminina, em 1919, sob a direção de Bertha Lutz e Maria Lacerda, e cuja pauta de luta se situava sobre o triplo eixo: Educação, Emprego e Sufrágio. A organização não teve vida longa, se desfazendo quando as líderes começaram a divergir sobre os modos de conduzir o movimento¹⁵.

Bertha Lutz nasceu em 1894, na cidade de São Paulo, filha do especialista suíço em medicina tropical Adolpho Lutz com a inglesa, enfermeira e fundadora de uma escola para meninos abandonados Amy Fowler. Bertha dedicou sua vida aos estudos e, posteriormente, à política. Diplomou-se em biologia pela Sorbonne, em 1919, e depois em direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Ocupou o cargo público de secretária do Museu Nacional e ajudou nas pesquisas de seu pai, como sua assistente. Foi eleita deputada em 1934, participando da elaboração da nova Constituição¹⁶.

Numa pequena cidade de Minas Gerais, em 1887, nasce Maria Lacerda de Moura. Educada na escola normal, se casou aos 17 anos de idade, mas aos 27 decide emancipar-se dos deveres da vida doméstica. Já no início de sua militância, colabora com Bertha na organização da Liga pela Emancipação Intelectual Feminina, em 1919, mas somente se

9SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico V. (Orgs.). *Dicionário mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p.318-320.

10 PINTO, *op. cit.*, p.19-21.

11 *Ibid.*, p.19.

12 GOTLIB, Nádia B. *Com Gilka Machado, Eros pede a palavra (Poesia erótica feminina brasileira nos inícios do século XX)*. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys29/arte/nadia.htm>. Acesso em: 20 jul. 2016.

13 PINTO, *op. cit.*, p.19.

14 *Ibid.*, p.21.

15 *Ibid.*, p.23-25.

16 BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1912-1940)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999, p.184-194.

muda definitivamente para São Paulo em 1920. Ali, tem contato com as ideias políticas de esquerda, engajando-se, por conseguinte, em projetos educacionais tutelados por um grupo anarquista. Tocada pelas novas ideias, Maria Lacerda não enxergava, nas pautas da Liga, meios pelos quais as mulheres pobres pudessem ter suas demandas atendidas. Assim, conflitando quanto à missão da organização, Maria Lacerda rompe os laços com Bertha e declara-se crítica do perfil de feminismo feito por sua ex-colega de militância¹⁷.

Assim, em 1922, Bertha Lutz inaugura a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, transformando-a na organização mais conhecida e influente do País. Tal prestígio se deve, entre outras razões, às táticas de luta utilizadas pelo movimento. O chamado *lobbying* — pressão sobre os membros do Congresso, mas também associação amigável com representantes em todas as esferas do Legislativo e Executivo — e a ampla divulgação de suas atividades pela imprensa representavam as principais vias de ação dessas militantes¹⁸. Quanto à autopropaganda feita nos jornais, “[...] as feministas têm consciência do papel da imprensa na opinião pública. Elas tomam essa tribuna com profissionalismo e também com muito idealismo”¹⁹.

Graças ao poder de negociação de sua liderança, e segundo os dados que se tem até o momento, a FBPF foi a mais longeva das organizações que, nascidas nessa época, tiveram expressividade pública. “Bem-educadas, talentosas e, em muitos casos, bem relacionadas politicamente, as feministas atraíram a atenção das comunidades profissionais e políticas do Brasil para suas reivindicações de igualdade social, econômica e política”²⁰. Seu fim veio em decorrência do Golpe de Novembro 1937, e a nova Constituição negava muitos dos ganhos conquistados em 1934. O voto feminino permaneceu, porém a FBPF não poderia mais existir na ditadura varguista²¹.

Em Pernambuco, ainda no período da década de 1920 e em paralelo ao forte trabalho desempenhando pela FBPF, um evento marcaria as feministas pernambucanas antes mesmo de elas terem se organizado em grupos. Trata-se da vitória sufragista no Rio Grande do Norte em 1927²². Com o apoio de Juvenal Lamartine, na época já não mais presidente do Estado, as sufragistas norte-rio-grandenses foram as primeiras brasileiras legalmente aptas a votar, mesmo que a nível regional²³. Por todo o País, esse fato reverberou em favor da autoestima de mulheres que há muito lutavam em prol de sua cidadania. Em consequência dessa conquista, e sob forte inspiração desse impulso legal, novas organizações foram criadas, inclusive, no Recife.

No dia 20 de março de 1903, a 51 quilômetros da capital pernambucana, na cidade de Vitória, o farmacêutico Nestor de Hollanda Cavalcanti e a dona de casa Mathilde Hollanda Cavalcanti deram à luz a Martha de Hollanda Cavalcanti. O sobrenome previamente anuncia que Martha vem de uma família de longa tradição nos campos intelectual e político. E, ainda jovem, ela deixa o interior do Estado em direção ao Recife, onde se diplomou em magistério pelo Colégio Santa Margarida, em 1925, e depois no preparatório de humanidades no Ginásio Pernambucano²⁴. Voltada às artes e à literatura, em 1930 lançou seu primeiro livro, *Delírio do nada*, cujo sucesso de crítica lhe fez conhecida como uma das

17 LEITE, Miriam L. M. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

18 ALVES; PITANGUY, *op. cit.*, p.47.

19 PERROT, *op. cit.*, p. 34.

20 BESSE, *op. cit.*, p.183.

21 *Ibid.*, p.193.

22 NASCIMENTO, Alcideide Cabral do. “De pomba para leoa”: Martha de Hollanda e a Cruzada Feminista Brasileira na luta pela igualdade política entre os sexos (1927-1932)” In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTOS HISTÓRICOS E DIÁLOGOS SOCIAIS*, 27, 2013b, Natal. Anais Eletrônicos. p. 2. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370357481_ARQUIVO_Art_ACN_rev2.pdf. Acesso em: 05 ago. 2016.

23 PINTO, *op. cit.*, p.25.

24 NASCIMENTO, *op. cit.*, 2013b, p.4-5.

mais talentosas intelectuais da época²⁵. Criadora da Cruzada Feminina Brasileira, no ano de 1931 Martha consagrou-se como um dos grandes nomes do sufrágio pernambucano.

É também em 1931 que Edwiges de Sá Pereira amplia sua militância junto à FBPF, estabelecendo, aqui, um braço da organização paulista, por sua vez, batizada de Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino (FPPF). Tão logo é preciso dizer que, apesar de serem pensadas em 1930, somente no ano seguinte é que ambas as organizações têm seu lançamento oficial²⁶. Datada no dia 29 de maio de 1931, a reunião inaugural da Cruzada²⁷ antecede a reunião inaugural da FPPF, em 31 de maio de 1931, e a aprovação oficial de Edwiges como delegada da FBPF em Pernambuco, ocorrida no dia 20 de junho²⁸; assim, em poucas palavras, é concedida à Martha a alcunha de pioneira da luta das mulheres pelos direitos políticos no Recife.

Sobre esse assunto, ainda é relevante citar que, na reunião inaugural da Cruzada, Martha de Hollanda põe Edwiges na posição de presidente de honra de sua organização, declarando o desejo de filiar-se à FBPF. No entanto, Edwiges rejeita o convite, se declara delegada da FBPF em Pernambuco e chama Martha para filiar-se à sua organização. Como resposta à ação de Edwiges, Martha recusa o convite de estar na reunião inaugural da FPPF e rompe relações com a conterrânea. Tal notícia foi divulgada pelos jornais assinalando o fato de Martha ter enviado uma carta para ser lida na reunião da FPPF justificando sua ausência²⁹.

A cidade de Barreiros foi palco do nascimento de Edwiges de Sá Pereira, no dia 25 de outubro de 1884. Ali, incentivada pelos irmãos e pais, a intelectual deu seus primeiros passos no campo da poesia, bem como na função de escritora e colaboradora de jornais, revistas e anuários. Sua relação com a educação escolar foi sempre muito íntima. Na condição de professora primária, atuou, posteriormente, como superintendente do ensino nos grupos escolares do Recife, convidada pelo então presidente do Estado, Sérgio Loreto, para montar o projeto de educação técnica e de magistério para Pernambuco³⁰. Apesar das diferenças entre Martha de Hollanda e Edwiges de Sá, e de seus respectivos grupos, as fontes documentais atestam que ambas as líderes possuíam contato com Bertha Lutz através de correspondências³¹, dado este que sustenta a convicção da existência de uma rede nacional feminista em prol da conquista e ampliação dos direitos civis e políticos para as mulheres.

Neste momento, voltemos nosso foco para a atuação da Cruzada Feminista Brasileira. Como já foi dito, o *lobbying* e a utilização da imprensa escrita foram as principais estratégias dos movimentos sufragistas. No entanto, os anos de 1930 abrem mais uma possibilidade de ação estratégica para as militantes feministas: o rádio. No *Jornal Pequeno*, encontramos os registros das palestras concedidas por Martha de Hollanda à Rádio Clube de Pernambuco. Reiteramos que, nesse período, a Rádio Clube era a única emissora do Norte, e sua programação contava com inúmeras palestras de intelectuais locais e internacionais.

Segundo o *Jornal Pequeno*, Martha de Hollanda foi à Rádio Clube em três momentos. No primeiro, a jovem escritora fala em tom nacionalista, convocando as mulheres a lutarem por seu direito ao voto e em favor do bem-estar do País³². No segundo momento, de forma

25 *Ibid.*, p.7.

26 *Ibid.*, p.9.

27 JORNAL PEQUENO, 03 jun. 1931, p.3.

28 SILVA, Maria Angélica Pedrosa de Lima. "A escritora e a feminista: Edwiges de Sá Pereira e o feminismo no Recife (1920-1935)" In: NACIMENTO, Alcileide Cabral do; LUZ, Noemia Maria Queiroz da. (Orgs.). *As mulheres na cidade do Recife (1870-1935)*. Recife: EDUFPE, 2015, p.129.

29 JORNAL PEQUENO, 1º jun. 1931, p.1.

30 SILVA, Maria Angélica Pedrosa de Lima. In: NACIMENTO & LUZ, *op. cit.*, p.120-125.

31 NACIMENTO, *op. cit.*, 2013a, p.48.

32 JORNAL PEQUENO, 31 jul. 1931, p.1.

extremamente poética, a pernambucana mais uma vez apela para os sentimentos das mulheres, mas, agora, em prol da arrecadação de mantimentos para as viúvas dos mortos no conflito de Campo Grande³³, provavelmente fruto dos levantes civis oriundos da Revolução de 1930³⁴. Por fim, no período de comemoração do aniversário de 1 ano da Cruzada, a feminista vai à Rádio Clube de Pernambuco reafirmar as concepções e as demandas da associação³⁵.

É importante frisar que nessa época o rádio continuava sendo um artigo de luxo, restrito apenas às camadas abastadas da sociedade recifense. Por essa razão, era preciso realizar a transcrição dessas palestras nos jornais, uma vez que, à época, “[...] a mensagem escrita era a única forma de comunicação de massa”³⁶. Assim, é imprescindível notar os elementos com os quais Martha de Hollanda compõe seus discursos. Em primeiro lugar, destaca-se a maneira erudita, rebuscada e poética dos textos. Sem dúvida, o objetivo da militante seria evidenciar sua formação e capacidade intelectuais, demonstrando que ali se ouvia uma mulher culta, esclarecida e ciente daquilo que estava dizendo, reafirmando a boa fama que conquistou, desde o Brasil até Portugal³⁷, com o lançamento do seu *Delírio do nada*.

Ainda nesse sentido, as constantes citações de autores consagrados feitas pela intelectual se justificam na medida em que, na época, “[...] sem citações de autoridades estrangeiras, nenhum pensador nacional seria levado a sério”, como assinala José Murilo³⁸. Ainda nesse sentido, pensando de modo mais alargado, constatando o fato de que, estando Martha inserida em um meio de intelectuais, seu discurso tem mesmo um tom retórico:

O peso da retórica é facilmente explicado pela análise da tradição escolástica portuguesa, sobretudo a que predominou no Colégio das Artes na Universidade de Coimbra. Por essas duas instituições, passaram muitos membros da elite política e intelectual brasileira da primeira metade do século XIX³⁹.

Em outras palavras, por mais que não tivesse frequentado essas instituições, Martha de Hollanda foi, por um lado, influenciada por esse “padrão” de produção de conhecimento e, por outro lado, levada a construir uma fala que pudesse tocar essa elite intelectual. Além disso, em alguns momentos, seus discursos são marcados por um forte sentimento religioso, com citações de passagens da bíblia. A título de exemplo, em um deles podemos ler: “[...] é a caridade — remorso de Deus — abrindo verônicas de luz no silêncio macabro das trevas”⁴⁰, trecho esse proferido em sua segunda palestra, quando ela discursava em favor das viúvas. Esse apelo à dimensão religiosa também aparece na comemoração de aniversário da Cruzada, onde a feminista declara que:

A Cruzada Feminista Brasileira, primeiro núcleo Feminista de Pernambuco — mocidade, riso, alegria —, nasceu num dia lindo de sol dos trópicos, no mês das férias de Nossa Senhora, que a protegeu, dando-lhe por pátria o sumário miraculoso das terras brasileiras⁴¹

33 JORNAL PEQUENO, 02 abr. 1932, p.1.

34 ANDRADE, Manuel Correia de. *Pernambuco imortal: evolução histórica e social de Pernambuco*. Recife: Cepe, 1997, p. 335-344.

35 JORNAL PEQUENO, 31 maio 1932, p.1.

36 PINTO, *op. cit.*, p.31.

37 JORNAL PEQUENO, 07 dez. 1932, p.1.

38 CARVALHO, José Murilo de. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”, *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 123-152, jan./dez. 2000. p.5.

39 *Ibid.*, p.8.

40 JORNAL PEQUENO, 02 abr. 1932, p.1.

41 JORNAL PEQUENO, 31 mai. 1932, p.4.

Analisando-se o discurso da feminista, pode-se apontar que, se Martha não era uma católica praticante, então deseja preservar a tônica da moralidade que os preceitos religiosos poderiam dar aos seus discursos dirigidos a mulheres, em sua maior parte, católicas. Em certa medida porque “[...] a divulgação dos movimentos sufragistas mundo afora vinha em geral acompanhada de valores sobre o feminino e de insinuações sobre a perda de valores morais da sociedade”⁴². Em outras palavras, esperava-se conquistar os direitos civis femininos, mas sem destruir a estrutura social vigente, uma vez que a tônica da militância se pautou na ideia de que “[...] as feministas brasileiras, de maneira geral, esquivavam-se de levar o feminismo à sua conclusão lógica. Presas a fortes tabus quanto a provocar conflitos ou agir ‘egoistamente’, grande parte delas adotava posições conciliadoras que minavam as reivindicações de igualdade entre os sexos”⁴³. Como afirma Joan Scott para as feministas inglesas e francesas do século XIX, o paradoxo marca o discurso do feminismo. Mulheres que queriam mudanças lá e aqui, mas sem rupturas⁴⁴.

Ainda é importante assinalar o caráter vanguardista do discurso de Martha de Hollanda, que, logo cedo, impulsionou-a a usar a rádio como meio de divulgação das ideias, reflexões e anseios da organização que liderava. Depois, pela coragem de professar discursos que, apesar de tudo, eram subversivos para uma época onde o lugar de fala feminino era fragilizado pelo patriarcado e pelo machismo, como assinala Margareth Rago⁴⁵. Por fim, lembramos que:

Essas mulheres, em dia com a moda, frequentadoras de espaços ditos masculinos, como os cafés e as casas de chás, praticantes de atividades por muito tempo exclusivamente do masculino, representaram uma quebra de fronteiras entre os gêneros e despertaram temor entre muitos homens e também entre as mulheres⁴⁶

Mas, de onde vem mesmo essa força do rádio que impulsiona as pautas feministas?

Entre Polêmicas e Progresso: Uma Breve História do Rádio no Brasil e da Rádio Clube de Pernambuco

Tratar da história da Rádio Clube de Pernambuco é, antes de tudo, inserir-se numa querela historiográfica já amornada, porém ainda necessária e cuja questão é: Seria a emissora pernambucana a pioneira em radiodifusão no Brasil? Tal debate é herança de um longo período de pouco interesse e escassos estudos voltados à origem da radiodifusão no País. Por consequência, construiu-se uma memória baseada na restrita colaboração de uma parte dos sujeitos que viram e/ou participaram da instalação desse meio de comunicação no Brasil⁴⁷.

Com o interesse de pôr fim às contradições, durante mais de 10 anos Renato Phaelante recolheu documentação de época, bem como depoimentos dos principais personagens dessa história. Como fruto desse árduo trabalho, em 1994, o filho do radialista Francisco Phaelante

42 BARROS, Natália C. Silva. Osarriscadosvoosdavidia:práticasfemininasedeslocamentosdosespaçosdosgêneros nosanos 1920”. In: BARROS, Natália C. Silva; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da (Orgs.), op. cit., p.77.

43 BESSE, op. cit., p.208.

44 SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos dos homens*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

45 RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

46 BARROS, op. cit., p.79.

47 FREITAS, Goretti Maria Sampaio de et al. “O que é preciso ler para entender o Rádio e compreender o Radialismo” In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. p.2. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0178-1.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

publicou o livro *Fragments da história do Rádio Clube de Pernambuco*. Após a publicação desse trabalho, que não foi o primeiro, pois é visto como a continuação do texto *Rádio Clube de Pernambuco – Notas sobre sua história*, de Oscar Dubeux Pinto, dezenas de títulos corroboraram com o dado de que a emissora recifense seria precursora da radiodifusão no País⁴⁸.

Elencando os dados que são relevantes ao nosso trabalho, nos reportaremos a 6 de abril de 1919, dia em que Augusto Joaquim Pereira e colaboradores, todos da Escola Superior de Eletricidade, fundaram a emissora. As etapas do processo de desenvolvimento da emissora foram amplamente divulgadas no *Diário de Pernambuco*. Entre as notícias, chama a atenção o convite de divulgação do evento de inauguração. Segundo o jornal:

São convidados os amadores de TELEGRAFIA SEM FIO a comparecerem à sede da Escola Superior de Eletricidade (Ponte d'Uchôa) no próximo domingo, 6 do corrente, às 13 horas, para a fundação do RÁDIO CLUBE. Solicita-se a presença de todos os amadores, não só de T.S.F., como também de ELETRICIDADE em geral⁴⁹.

Acerca do dado de que esta foi uma solenidade direcionada aos amadores de T.S.F. e de eletricidade e a partir de seu estatuto da rádio, ponderamos que a emissora de Pernambuco nasce com o propósito de ser uma associação de estudiosos das tecnologias por onda, cuja única e exclusiva função seria popularizar tais tecnologias. Postura esta contrária àquela adotada pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada por Roquette Pinto e Henry Morize, em 20 de abril de 1923, que surge com objetivo de “educar através do rádio”⁵⁰. Assim, com o *slogan* **Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil**, a rádio carioca instaurou uma nova filosofia da comunicação⁵¹.

Os objetivos que marcam a criação dessas sociedades são, portanto, bem diferentes. Para Ferraretto, sem retirar o mérito da expoente pernambucana, “[...] a Rádio Clube organiza-se para representar os interesses dos proprietários de estações amadoras de transmissão e recepção, ilegais conforme a legislação da época”⁵², enquanto que nas “[...] atividades da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, há claramente uma ideia de difusão do conhecimento e da cultura, mesmo que esta última por um viés elitista e ligado às ciências”⁵³.

Tal paradigma fundado pela emissora do Rio de Janeiro nos será útil para entendermos os motivos que justificaram a ida das feministas à rádio. Por ora, é necessário deter a atenção ao fato de que, até o início dos anos de 1930, as rádios e, em especial, a Rádio Clube de Pernambuco, não possuíam uma programação estabelecida, tampouco bons equipamentos de difusão e recepção. Estes eram remontagens de outros equipamentos, artesanalmente feitos e, por isso, de acesso restrito. Sobre esse aspecto, Tota esclarece que:

Aventurar-se pelos segredos da rádio-escuta, na primeira metade da década de 1920, custava caro. Em São Paulo, por exemplo, um aparelho de rádio, em agosto de 1924, era vendido por 1:200\$000 réis, enquanto uma família de trabalhadores composta por cinco membros recebia uma média de 500\$000 réis por mês⁵⁴.

48 FERRARETTO, Luiz Artur. “De 1919 a 1923, os primeiros momentos do Rádio no Brasil” In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. p. 8. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2819-1.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

49 DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06 abr. 1919, p.4.

50 FREITAS et al., *op. cit.*, p.3.

51 FERRARETTO, *op. cit.*, p.13.

52 FERRARETTO, *op. cit.*, p.14.

53 *Ibid.*, p.14.

54 Apud AZEVEDO, Lia Calabre. *No tempo do rádio: radiodifusão e cotidiano no Brasil*. 2002. 277p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002, p.50.

Além disso, a tecnologia de radiotelegrafia — precursora da radiodifusão — era de total domínio das Forças Armadas, desenvolvidas e utilizadas para a guerra. Assim, com o fim da Primeira Grande Guerra, somente pessoas com autorização do Ministério da Aviação poderiam ter acesso tanto aos difusores quanto aos receptores, independentemente de qual tipo de comunicação por onda fizessem⁵⁵.

Do ponto de vista administrativo, a Rádio Clube de Pernambuco, assim como a própria Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, buscavam auferir capital para sua manutenção através da importante contribuição de seus patrocinadores. Estes, majoritariamente, eram sujeitos de posses que, fascinados com as novas tecnologias, contribuíam com quantias significativas de recursos para o pagamento das despesas da Rádio. Exemplo dessa prática é dada pelo industrial José Cardoso Aires Filho, um radiófilo confesso, um dos patrocinadores mais importantes nos primeiros anos de vida da Rádio Clube.

É por essa razão que, nas primeiras décadas do século XX, as rádios adotavam o modelo de “rádio sociedade”, prevendo em seu estatuto o pagamento de mensalidades⁵⁶. Note-se ainda que nesse período não havia locutores, radialistas, roteiristas de rádio, etc. Essas profissões e sua crescente profissionalização somente passaram a existir em 1952, com a inauguração do Diário de Associados de Assis Chateaubriand. Assim, os valores arrecadados em doações serviam, sobretudo, para a compra dos equipamentos que vinham do exterior e para a conversação dos sócios e dos que estavam na sede das emissoras. Nessa direção, “[...] nos primórdios do veículo, a programação musical era feita através de doações ou empréstimos de discos às rádios, que eram formadas em clubes ou sociedades, ambas formadas por pessoas com boas somas de dinheiro capazes de pagar mensalidades necessárias para o sustento das rádios⁵⁷.

Nesse contexto de escassez de recursos, Ferraretto afirma que:

O associativismo idealista de elite define-se organizado em clubes e sociedades e orientado por uma perspectiva cultural e científica dentro do quadro de valores da burguesia urbana em ascensão. A lide intensificar o caráter elitista, além da origem social dos assim chamados radiófilos, aparecem os altos custos envolvidos: (1) na obtenção de uma licença para a escuta, uma particularidade de então; (2) no pagamento dos encargos para se tornar sócio da entidade responsável pela estação de rádio; e (3) na compra de receptores⁵⁸.

Em seu primeiro número, a revista *Electron*⁵⁹ publicou com o título de *Radio Comércio*, um texto de ferrenhas críticas ao governo por sua negligência em relação ao setor. O artigo afirma que, sem os recursos privados, o surgimento e desenvolvimento da radiodifusão no Brasil seriam impossíveis, pois “[...] um aparelho de rádio ou acessório paga de imposto cerca de 120% do seu valor de importação. *E a rádio é a escola do porvir!*... Parece mais razoável dizer: Rádio é o *porvir* de nossas alfândegas⁶⁰.

Por consequência disso, a década de 1930 começa com significativos problemas econômicos para a Rádio Clube de Pernambuco, como se pode observar

55 CÂMARA, Renato Phaelante. *Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco*. 2. ed. Recife: Cepe, 1998, p. 60.

56 AZEVEDO, *op. cit.*, p. 53.

57 FREITAS et al, *op. cit.*, p. 4.

58 FERRARETTO, *op. cit.*, p. 6.

59 *Electron* foi uma revista de publicação mensal e ilustrada dedicada, especialmente, à radiocultura e à divulgação científica. Parte do órgão oficial da Rádio Clube de Pernambuco teve como diretores Oscar Moreira Pinto e Aristides B. Travassos; e como secretário Abílio Leônício de Castro. Foi criada em 15 de fevereiro de 1932, resistindo até seu sétimo número, publicado em 15 de agosto do mesmo ano. Seu lema era: **Electron é vosso, povo de Pernambuco, ampare-o!** In: NASCIMENTO, Luís do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)*, v. 9, p. 33-34, 1997.

60 ELECTRON, abr. 1932. p.6. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

no *Diário de Pernambuco*. Nota-se que a emissora experimenta problemas financeiros justamente no período em que recebe uma nova antena que lhe permitiria difundir seu sinal com qualidade por todo o Norte e com menor qualidade em todo o País:

É de lamentar que alguns sócios do Radio Club venham se recusando a pagar as mensalidades com a alegação de que, não estando transmitindo, o Radio Club nada tem a cobrar. Se não transmite o Radio Club, é porque não lhe é possível fazer os dois serviços simultaneamente, máxime com a precaríssima situação financeira com que iniciou os serviços de montagem que continua não tendo suspenso o serviço porque diretores há que têm levado ao extremo os sacrifícios para o cumprimento da promessa feita⁶¹.

Tal situação somente vislumbra solução quando, em 1º de março de 1932, Getúlio Vargas assina o Decreto n.º 21.111, que regulamenta o Decreto n.º 20.047, de maio de 1931, o qual permite que 10% da programação das rádios sejam propagandas publicitárias⁶². Além disso, o decreto também define as rádios como “[...] serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”⁶³. Quanto a isso, Vargas atesta em lei uma tendência que já pode ser vista no Brasil desde 1923, e muito antes nos Estados Unidos e Europa. Aqui, como exemplo, podia-se ouvir aulas de História do Brasil em meio a programas específicos de educação⁶⁴. Assim, por intermédio desse decreto, as rádios tiveram a oportunidade de ampliar suas fontes de renda — como visto anteriormente, um real problema à sua sobrevivência.

Apesar de ter passado por muitas melhorias, nas primeiras décadas de existência da radiodifusão no País, a recepção do sinal era de difícil acesso. No começo, era restrito aos amadores, depois aberto aos que poderiam pagar. Newton Dângelo informa que “[...] para captar as transmissões, eram necessários os aparelhos receptores, todos importados e, portanto, muito caros, o que fazia com que a programação se voltasse para as elites, ou seja, para quem pudesse pagar as contas do rádio”⁶⁵. Eis uma das razões pelas quais “[...] na história do rádio no Brasil, o período compreendido entre 1923 e 1932 é considerado como experimental. Isso não significa dizer que as emissoras de rádio não procuravam criar público cativo, atrair patrocínio, melhorar e consolidar sua audiência”, como afirma Azevedo⁶⁶.

Em fins da década de 1930, a rádio começaria a ser democratizada, perdendo sua feição elitista, alcançando a população urbana com maior amplitude. Ainda assim, os equipamentos receptores demorariam alguns anos para se tornarem acessíveis às classes pobres e trabalhadoras, bem como as propagandas precisariam de tempo para atrair a atenção e o investimento financeiro de empresas anunciantes⁶⁷. Uma alternativa para ampliação do público ouvinte foi o investimento feito por municípios e estados em equipamentos de uso público, autofalantes instalados em lugares de maior circulação de pessoas⁶⁸.

Somente na década de 1940, com a criação de órgãos de pesquisa de opinião, como o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatísticas (Ibope), os comerciantes e as rádios conseguem entender seu público consumidor. Por conseguinte, a programação e os comerciais

61 DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24 fev. 1931, p.3.

62 Para entender o impacto dessa lei no cotidiano dos ouvintes e consumidores das rádios, Cf. MARANHÃO FILHO, Luiz. *No tempo do reclame: subsídios à história da publicidade no Nordeste*. Recife: UFPE, 2002.

63 FREITAS et al., *op. cit.*, p.3.

64 Para entender melhor como se deu o ensino de História do Brasil através do rádio Cf. DÂNGELO, Newton. “Ouvindo o Brasil: o ensino de História pelo rádio – décadas de 1930/40”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998.

65 FREITAS et al, *op. cit.*, p.4.

66 AZEVEDO, *op. cit.*, p.55.

67 *Ibid.*, p.63.

68 *Ibid.*, p.69.

foram pensados com o objetivo de atingir públicos em específico. Mediante tais pesquisas, constata-se o dado de que são as mulheres as maiores consumidoras das programações radiofônicas, o que nos leva a crer que “[...] é através da figura feminina que o rádio conquista um papel de destaque no cotidiano familiar. Ao longo das décadas de 1930 e 1940, vai sendo criada uma cultura familiar radiofônica, que também vai contemplar horários com programações infantil e masculina”⁶⁹.

É preciso entender como essa novidade alcança o Recife no tenso debate entre a modernidade e a tradição.

Recife dos Anos de 1930: É Chegado Um Novo Tempo

O Recife dos anos de 1920 era uma cidade moderna⁷⁰. Ali, membros das elites econômica, intelectual e artística desfilavam vestidos à moda francesa, adquiriam novos costumes de consumo, recriavam os modos de uso da cidade e ditavam novas regras de conduta social. A relação entre o velho e novo, o retrógrado e o moderno, os tempos passados e futuros era tensa e conflituosa. É fácil ter a sensação de que na década de 1920 todos os planos, desejos e projetos que vinham sendo gestados, enfim, nascem, não sem contestações de grupos arraigados ao passado e à tradição, dos quais nos fala Antônio Paulo Rezende⁷¹. São os anos das grandes obras urbanas, das campanhas pela higienização e saneamento, dos discursos civilizatórios, da beleza medicalizada. Assim, a década de 1920 se apresenta como sendo o tempo das grandes mudanças comportamentais.

Frente a isso, na tarefa de entender esse Recife não isolado, mas imerso num contexto de diálogo com o País, precisamos retroceder algumas décadas na história, já que:

Os anos iniciais do regime republicano dão asas aos desejos, fazem voar sonhos. A vida urbana ganha intensidade, luz, fluidez e velocidade. As novidades se espraiam pelas avenidas e pelos becos das grandes cidades. [...] A cidade é um espetáculo a céu aberto⁷².

Toda essa celeuma de novidades sacudiu a mente dos/as intelectuais da época. Como tornar inteligível a conflituosa relação entre passado e presente, estagnação e progresso, estando eles/elas mergulhados nesses tempos de mudança? “Nos anos 1920, o Recife conviveu com sinais de quebra da monotonia de antes. A modernização era discutida, e havia desejos de modernizar a cidade”⁷³. Quanto a isso, o Estado planejava transformar o Recife em algo diferente daquilo que se mostrava. Era preciso dar-lhe ordem, higiene, saúde e civilidade:

[...] a ideia de moderno se associa a valores como progresso e civilização; ela é, sobretudo, uma representação que articula o subdesenvolvimento da situação brasileira a uma vontade de reconhecimento que as classes dominantes ressentem. Daí o fato de essa atitude estar intimamente relacionada a uma preocupação de fundo, o que *diriam os estrangeiros de nós*, o que reflete não

69 *Ibid.*, p.78.

70 BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jailson Pereira da. (Orgs.). *Os anos 1920: história de um tempo*. Recife: UFPE, 2012, p.63.

71 REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Fundarpe, 1997.

72 NASCIMENTO, Alcileide Cabral. O bonde do desejo: o Movimento Feminista no Recife e o debate em torno do sexismo (1927-1931). In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n. 1-2, jan./abr., p. 41, 2013a
73 BARROS, REZENDE & SILVA, *op. cit.*, p.10.

somente uma dependência aos valores europeus, mas revela o esforço de esculpir um retrato do Brasil condizente com o imaginário civilizado⁷⁴.

Esse discurso atraiu a simpatia de muitos, mas não foi capaz de formar uma “consciência generalizada” quanto aos benefícios dessas transformações⁷⁵. As classes menos abastadas e mais atingidas por essas medidas de modernização reagiram veementemente. “A reação da população aos programas de higienização existe em todas as cidades, sobretudo quando eles contrariam os hábitos cotidianos e não conseguem convencê-la dos possíveis benefícios e eficiência”⁷⁶. Para sanar essa onda rebelde, bem como estabelecer outra frente de luta pró-civilização dos pernambucanos, o Estado investe na ampliação do acesso à educação formal, mas também em propagandas educativas, estas sob a administração do Departamento de Assistência e Saúde⁷⁷.

Não obstante, é na década de 1930 quando muitas e significativas mudanças ocorrem nas esferas dos valores, dos pensamentos ideológicos e da política. Nesses anos, o Brasil experimenta o máximo da democracia pelas mãos de Getúlio Vargas e logo em seguida a ditadura varguista. A crise de 1929 fez nossos porões se abarrotarem de sacas de café. Os comunistas, anarquistas ou qualquer outra corrente ideológica que ameace o poder vigente são impelidos a sussurrar caso queiram continuar existindo. O nazifascismo vem flertar conosco⁷⁸. Ainda assim, o direito ao voto é estendido às mulheres depois de muita pressão do movimento feminista, e muitos direitos trabalhistas são conquistados. Enfim, as mulheres abastadas e da classe média ingressam nas universidades, fazem concursos para as repartições públicas e conquistam novos postos de trabalho. As fronteiras entre o espaço público e privado estavam mesmo sendo redefinidas não apenas pelas mulheres pobres que se ocupam de tarefas que ultrapassam os limites do doméstico⁷⁹.

E, falando em “consciência generalizada”, é importante citar que o rádio já surge com pretensões de atingir as grandes massas. Apesar de, no caso brasileiro, ter levado certo tempo para que todos os estratos sociais tivessem acesso, esse já era um alvo a ser atingido. Aqui:

[...] as novas tecnologias daquele momento, o rádio e o cinema, tornaram possível a emergência e a difusão de uma nova linguagem e de um novo discurso social: o popular massivo. Essas tecnologias de comunicação tiveram, assim, a sua relação com a cultura mediada por um projeto estatal de modernização política, mas também cultural⁸⁰.

Tudo indica que Vargas percebeu rapidamente o potencial do rádio e não hesitou em estabelecer leis de controle às emissoras⁸¹. No entanto, “[...] na prática o veículo teve, também, uma vida própria”⁸², resistindo aos constantes confiscos e interdições. O sucesso do rádio foi mesmo impactante, a ponto de o presidente e os demais políticos, sobretudo, após a década de 1930, fazerem largo uso do rádio nas propagandas políticas e de promoção

74 ORTIZ, 1994, p.32 *apud* FERRARETTO, *op. cit.*, p.2, grifo do autor.

75 BARROS, REZENDE & SILVA, *op. cit.*, p.10.

76 REZENDE, *op. cit.*, p.48.

77 REZENDE, *loc. cit.*

78 NETO, Lira. *Getúlio: do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.13-220.

79 BESSE, *op. cit.* p.143.

80 HAUSSEN, Doris Fagundes. “Rádio brasileiro: uma história de cultura política e integração” In: BARBOSA FILHOS, Piovesan; BENETON, Rosana. (Orgs.). *Rádio - sintonia do futuro*. São Paulo, Paulinas, 2004, p.1.

81 AZEVEDO, *op. cit.*, p.60.

82 *Ibid.*, p.2.

pessoal. Neste sentido, Azevedo afirma que o populismo varguista é mesmo filho do rádio⁸³.

Por seu turno, Getúlio Vargas foi uma figura que, para além dos cargos de ditador e presidente eleito, sofreu na pele as mudanças do novo século. Como pai, em determinado episódio, foi enfático ao afirmar: “[...] filha minha não dança!”. E, não medindo as palavras, ofendeu as mulheres ao completar a sentença dizendo que “[...] mulher foi feita para tomar conta de casa. Precisa é saber costurar e cozinhar”⁸⁴. Darcy, a primeira dama, sai em socorro das filhas e afirma que, ao contrário dela, Jandira e Alzira irão ter a oportunidade de estudar. Na ocasião, as moças queriam frequentar os bailes, que já deveriam estar na lista de seus compromissos sociais, tendo em vista sua idade e condição social. Passada a cena, anos depois, é Getúlio quem se vê defendendo o direito de Alzira cursar a Faculdade de Direito. Tornando-se uma de suas pessoas de confiança, a jovem consegue do pai o apoio para continuar estudando, como seus irmãos, e a exclusiva promessa de ter direito de posse sobre sua biblioteca caso passe nos exames⁸⁵.

Talvez esse contato íntimo com a filha, com a capacidade intelectual dela, tenha feito Getúlio reavaliar suas opiniões sobre quais seriam os limites das funções femininas em uma sociedade. Ou melhor, quais eram as reais capacidades das mulheres, tendo em vista que pululavam organizações feministas, a exemplo da Federação Brasileira para o Progresso Feminina, conhecida pelos seus manifestos em prol dos direitos das mulheres. Some-se ainda o fato de que, no Rio Grande do Norte, desde 1927, as mulheres já podiam votar em caráter regional.

Em Recife, no início dos anos de 1930, os/as intelectuais pernambucanos/as tinham a mente bombardeada por ideias que movimentavam as elites cultas de todo o País. A república trouxe consigo uma profunda crise identitária: era preciso definir o que, afinal de contas, significava ser brasileiro. É nessa relação tensa entre o local e o nacional que surge a identidade regional nordestina. A partir disso, não se pode negligenciar o fato de que “[...] o Nordeste é uma invenção recente na história brasileira, não podendo ser tomado como objeto de estudos fora dessa historicidade, sob pena de se cometer anacronismos e reduzi-lo a um simples recorte geográfico naturalizado”⁸⁶. Intelectuais, artistas, políticos e a gente comum se articularam, consciente e inconscientemente, nessa missão.

A década de 1930, portanto, situa um conjunto de paradigmas que, nascidos nos anos anteriores, somente puderam existir naquele cenário. Assim, se, nos anos 1920, Pernambuco queria imitar o estilo de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, nos anos 1930 quer criar uma identidade própria para cidade. Se nos anos 1920 homens modernos, chamados de *almofadinhas*, eram vistos como afeminados, nos anos 1930 o presidente da República assimila alguns signos de uma nova masculinidade: já não tinha mais barba e bigode, com os anos ganhou, também, gosto por usar “[...] terno de linho branco, chapéu-panamá à cabeça” como informa Lira Neto⁸⁷. Se nos anos 1920 as mulheres lutaram pelo direito ao sufrágio, nos anos 1930 elas elegeram e foram eleitas.

Considerações Finais

83 *Ibid.*, p.4-5.

84 NETO, Lira. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.280.

85 *Idem.*, p.80.

86 ALBUQUERQUE JÚNIOS, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p.305.

87 NETO, *op. cit.*, p.149.

No período em que Martha de Hollanda vai à Rádio Clube de Pernambuco, esta já é uma emissora com significativo poder de audiência. Mesmo sendo artigos de luxo restritos a poucos, os receptores naqueles dias já podiam ser encontrados em certo número de casas. Os discursos proferidos pela líder da Cruzada foram transcritos e publicados nos meios impressos de comunicação, alcançando simultaneamente as distintas classes e sem desperdiçar a oportunidade de usufruir do potencial da rádio. Neste sentido, as feministas sabiam que falavam para a classe abastada, porém igualmente estavam cientes do potencial de alcance de seu discurso via rádio.

Por outro lado, é preciso apontar para o fato de que pairava uma forte esperança em torno da utilização do rádio como meio para educar a população não letrada. Por essa razão, acreditamos que as feministas da Cruzada viram nele a possibilidade de não necessariamente atingir, mas reforçar a comunicação com um público com quem elas já mantinham certo contato pela mídia impressa. Martha de Hollanda convivia em meio aos intelectuais, e estes já faziam uso da Rádio Clube para divulgarem temas que vão desde *O Recife Antigo e suas tradições*⁸⁸ até palestras de saúde e higiene, exatamente com essa ideia de que poderiam educar as massas iletradas através da audição. Nesse sentido, entusiasmada por essa áurea de esperança no progresso propagado pelo rádio, a escritora elaborou e proferiu discursos cultos, poéticos e rebuscados em citações.

Levando em conta a instabilidade das relações humanas, por fim, consideramos que conhecer e compreender as ações de mulheres como Martha de Hollanda é, antes de tudo, enxergarmos-nos enquanto agentes de mudanças de nossas próprias realidades. Pois foi na insatisfação com seu presente e na tentativa de mudá-lo que Martha de Hollanda, ao criar a Cruzada Feminista Brasileira, escreveu seu nome na História.

88 CÂMARA, *op. cit.*, p.45.